



**O ARQUIVO
E O
CAFEZINHO**

Yuri Fraccaroli

O ARQUIVO E O CAFEZINHO

Yuri Fraccaroli

Esta publicação foi revisada por Marcos Tolentino (português) e Kelsey Cooper (inglês), que também contribuiu com a tradução. Os desenhos que acompanham o texto são de Natan (p. 10) e Yuri Fraccaroli (p. 12). A edição e o projeto gráfico são de Bruno O.. O livro foi composto na tipografia Literata e sua primeira tiragem foi produzida no ateliê do Jardim Miriam Arte Clube (São Paulo/SP), em março de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fraccaroli, Yuri

O arquivo e o cafezinho / Yuri Fraccaroli. --

1. ed. -- São Paulo : Autoria Compartilhada, 2023.

ISBN 978-65-999196-3-3

1. Arquivos - Organização 2. Gêneros - Estudos 3. LGBT - Siglas
4. Memórias 5. Museus - Aspectos educacionais 6. Sexualidade
I. Título.

23-148218

CDD-069

Índices para catálogo sistemático:

1. Museus : Preservação da memória e cultura : Museologia 069

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

BAJUBĀ

JAMAC
jardim miriam arte clube

/autoria
compartilhada

Sumário

O arquivo e o cafezinho	7
The archive and the cafezinho	16



O arquivo e o cafezinho

Yuri Fraccaroli¹

Aqui escrevo como uma expressão de saudade. Também como uma forma de pertencimento, de um senso de comunidade, de uma prática conjunta de pensar o mundo. Um pensamento que talvez se refira – e parta desde – o chão, como nomeia Bruno O. É também um grito por alegria, expressão essa que ganha um mundo de texturas na voz de Vanessa Soares. Enquanto produção de conhecimento, essa escrita toma como inspiração a palavra ao mesmo tempo sábia e amiga de Marcos Tolentino, como modo de tentar romper a mediocridade de um tempo presente, seco e árido. E sim, se como ensina Florence Belladonna Travesti (2021), travestis e pessoas trans criaram outro sentido para suas vidas na mediocridade de uma ditadura, quem somos nós para negar o chamado diário dessa vida que nos convoca.

Mas neste movimento, enquanto processo de escrita, gostaria de partir de um gesto, antes de pensar sobre duas peças de nosso acervo que, em certo sentido, cristalizam alguns desses processos de sentir coletivo. Eu quero pensar o que é aquilo que temos feito, aquilo que estamos fazendo e aquilo que queremos fazer, a partir de um simples ato: um copinho de plástico de café. Situações de copinhos ilustram um pouco o que para mim foi o início desse outro caminho, que há quase dois anos tentamos

1 Yuri Fraccaroli é arquivista no Acervo Bajubá. Cursa doutorado em Estudos Feministas na Universidade da Califórnia, Santa Barbara. No chão do Bajubá, fez muitas amizades e passou a se aventurar no campo das artes, experimentando desde carvão e telinhas a produção de podcasts, como o passagem só de ida. Currículo e mais informações em: yurifracaroli.com

desenhar enquanto um acervo comunitário.

Eu começo com esse copinho de café porque era ali, nessa troca banal, cotidiana, despreocupada, que depois de terríveis meses de uma pandemia, voltávamos a nos acostumar com o toque, com o abraço, com a proximidade. Quando penso nesse gesto, penso na mão de Natan. Mão que não só por muitas vezes servia esse cafezinho, como também trazia um chocolate. Eu lembro muito dessas nossas trocas iniciais, desses cafés que a gente compartilhava; mas também de nossa timidez, medo e estranheza de nos aproximarmos do acervo. Posso estar enganado, mas sinto que havia algo em nossa presença, nesses corpos circulando por esse espaço, que parecia escapar às nossas possibilidades e vontades. Não digo medo, mas certamente havia uma sensação de estranheza, de inadequação, de receio.

Ao mesmo tempo que somos constantemente interpelados por um dever-memória, quando frente ao corpo de um arquivo, é como se certos corpos não pudessem fazer parte. Corpos que escapam ao corpus do arquivo, mas que também escapam quando nos referimos às possibilidades de estar ali enquanto corpo presente no presente.

O que eu quero dizer com isso é que, apesar de estarmos lá, Natan e eu, era como se, de certa forma, aquele mundo de livros, artigos e revistas nos engolisse. Era como se, mesmo sabendo parte das histórias que são contadas lá e vividas por nossos diferentes corpos, não pudéssemos habitar um arquivo enquanto arquivistas. Esse corpus documental, essa estrutura arquivística, demanda outros corpos, exige outras posições e relações que priorizam um tipo de conhecimento e relação com o passado.

Se é pra academizar, bora lá: é a ideia do arquivo a partir daquele que consigna, como diria o Seu Derrida (2010). No nosso caso, era como se duas bichas (ou NB's, não sei mais, Natan, mas minha identidade tem fluído a cada dia) não pudessem ocupar esse local. Ainda no bonde dos franceses, até porque como dizia Hilda Hilst “pensar em português é feio”, tem também a própria ideia de arquivo de São Foucault (Perra, 2014), que claramente se assenta numa metáfora espacial arquitetônica ocidental, né. E aí aquele abismo: entre o arquivo que o Foucault devia conhecer e conceber enquanto imagem e uma salinha no segundo andar (sem mapoteca [rs]) num galpão do lado do minhocão [para terror dos puristas da conservação].

Mesmo estando lá todas as semanas, limpando, organizando, cuidando do nosso arquivo, a possibilidade de habitá-lo era constantemente posta em dúvida. Eu acho que a cada cafezinho que tomávamos, eram duas falas diferentes sobre o “retrabalho” em incontáveis recitais, sobre as diferenças entre inventário e catalogação (que medo dessa palavra, Jesus-Maria-José), da necessidade de uma planilha correta para alimentar um sistema (que sistema, minha santa?) e inúmeras promessas. Em dia de festa, era aquela coisa, todo mundo oferecia tudo. Hoje eu nem mais estou em São Paulo, Tolentino vive por lá, Gegê ou Madonna de Beverly Hills em Hollywood abandonou a Regina Duarte e até agora essas promessas nunca sequer começaram com um simples gesto: um cafezinho no acervo.

É nesse ponto que penso sobre a obra que Natan desenvolveu para nossa primeira exposição no Google Arts & Culture. Nessa imagem, ele pergunta: “quem cuida da nossa memória?”. A pergunta de Natan abrange múltiplos sentidos e possíveis respostas, desde uma indagação política e ética a até mesmo uma dimensão

QUEM CUIDA
DA NOSSA

~~MEMORIA~~
MEMORIA?

ALIBI

EM
MEMORIA

18 005

MEMORIA

MEMORIA?



ontológica do sujeito da frase e do que se concebe como memória. Mas o que eu leio nessa frase e o sentido que aqui quero trabalhar é essa questão do “quem” e do “cuidado” que acho que são articulados para definir essa “nossa” ideia de “memória”.

Percebam que o quem da frase é quase que concebido como uma exterioridade em relação à partícula “nossa memória”. Eu acho que isso é uma espécie de eco dessa ideia de quem pode ocupar-se do cuidado de uma memória que é nossa, mas que não deve ser cuidada por nós mesmas. Nós até podemos acessá-la, mas a produção e cuidado (por que não controle?) é de outra classe de gente que não nós.

Entretanto, há também outro sentido. Essa indagação pode ser lida como um grito de força política, a partir de uma prática que é materializada pela voz de quem enuncia a frase, posição que relata algo que acontece enquanto realidade material, para além de discursos cínicos. Aqui, o cuidar é algo que acontece de fato em atos como a limpeza dos livros, o varrer de uma sala, o espanar das estantes, o organizar de etiquetas.

Natan me disse que ele se inspirou na Miss Biá em carvão, que desenhei meses antes, para pensar as letras dessa arte. No meu desenho, feito a partir de um convite de Bruno O., eu risco o termo história e pergunto: “a memória é de quem?”. A resposta de Natan, entretanto, inverteu minha proposição de uma forma que eu não tinha pensado: ao mesmo tempo em que concebe essa memória como nossa, põe em reflexão uma assimetria nas possibilidades de cuidá-la (e também controlá-la). Natan vai direto ao ponto ao dizer que essa memória é nossa, mas reconhece o lugar do cuidado como um

~~história~~
a memória



é de quem?

outro “quem”, um outro lugar. Ao mesmo tempo em que ecoa a percepção de uma possível distância, também mantém sua posição em aberto: nós podemos cuidar dessa memória.

Enquanto gramática de ação, a recusa a uma ideia de representação e o aceno desejoso a uma ideia de comunidade como agenciamento, nosso fazer invariavelmente é capturado por essas duas perguntas: uma indaga o “quem” da memória e outra o “quem” do cuidado. Acredito que nossa aposta, existencial e política, se dê justamente na dobra desses dois “quem”, numa posição que escapa das interpelações de dever ou obrigação, de um fazer ideal, de uma versão correta da História consignada por um especialista, em geral, acadêmico.

Enquanto prática comunitária, penso que nossa aposta é romper com a musealização do passado e a objetificação do presente. É criar outras temporalidades, em que as próprias divisões entre o passado e o presente não façam sentido. É operar outros dispositivos de escuta e fala que façam com que um círculo se estabeleça entre as experiências dos corpos que se movimentam e se fazem presentes nesse espaço no presente e que olham, tocam e consideram esses livros não como saberes cristalizados de um passado, mas como possibilidade para um ato de reconhecimento das vidas e corpos calcificados em dispositivos-livros.

Suspendendo o tempo, assim como rompendo com a noção de uma determinada espacialidade convocada a partir do dispositivo ocidental de arquivo, outros corpos presentes no acervo convidam a presença das vozes, corpos e experiências do arquivo para outras

relações, outras convivências. Rompemos com a análise, rejeitamos a erudição e nos negamos ao uso cínico e capitalístico das vidas ali representadas e violentadas para novas operações de lucro e sobrecodificação, que levam à separação e à audácia de clamar a verdade a partir dos vestígios. Nosso compromisso é com a dúvida – e a vida. É nas palavras de Abigail Campos Leal (2021), não se esquecer daquelas sem picumã, mas ainda assim belíssimas.

Nosso fazer pode ser um dançar, uma zombaria, uma tentativa de contato com esses corpos no arquivo, a partir de dinâmicas que façam brotar vida; são atos que se inspiram na invenção desses corpos para viver o desejo. Antes do uso do relato desse passado para algum projeto político, o qual quase nenhum de nós foi convidado para definir ou fazer parte do bolo, apenas moralmente impelidos a “defender” e se ver como parte enquanto representação, talvez valha a pena pensar como a dimensão do cuidado se refere também ao modo como lidamos com essas vidas suprimidas no/pelo arquivo. E dessa compreensão, compreender que o lugar autoral é aqui compartilhado também entre aqueles aqui presentes. Outros saberes que podem circular a partir de outras práticas.

De um ponto de vista material, é reconhecer que nossos desejos de relação com o arquivo, com a História e com a memória, de fato, não são aqueles postos em jogo pelos mercadores atuais dessa tão requisitada “outra história”, que não foi contada... de novo. É abrir mão da possibilidade de recursos, mas também negar-se ao reiterar de um jogo assimétrico, de uma razão cínica que não se enxerga na constante repetição enquanto “eu” que narra e se apropria das experiências de uma terceira pessoa. Agora, cá entre nós, mesmo com todas as

limitações que resultam para gente a partir dessa recusa, alguém ainda acredita mesmo nesse papo de homem branco e cisgênero contando a “história de verdade” ou apresentando “o lado delas da história?”.

Longe da intenção totalizante, do desejo microfascista de captura, prefiro acreditar em um gesto de reconhecimento e cuidado, elaborado na escuta, no afeto, e, por que não, no gesto de uma mão oferecendo um café. Uma expansão de um eu para uma constante negociação – por vezes difícil, de um “nós”. Ou de muitos nós. É nessa torsão que talvez a gente avance em direção à performance viva de um outro arquivo.

Referências

Campos Leal, A. (2021). A carcaça trans racializada e a vida. Brasil, São Paulo: Instituto Temporário de Censura. Recuperado de https://www.casaum.org/carcacatrans_abigail.pdf

Derrida, J. Mal de Arquivo – uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2011, p. 41.

Perra, H. (2015). Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. Revista Periódicus, 1(2), 291-298. <https://doi.org/10.9771/peri.vli2.12896>

Travesti, F.B. (2021). Nos caminhos de Leo e Gretta e de outras histórias do Brasil. Blog Casal. Recuperado de <https://www.casaum.org/nos-caminhos-de-leo-e-gretta-nos-caminhos-de-outras-historias-do-brasil>

The archive and the cafezinho

Yuri Fraccaroli²

Here I write as an expression of “saudades”. Not longing, not homesick, but saudades, word that cannot be translated from Portuguese to English. A writing also as a form of belonging, a sense of community, a joint practice of thinking about the world. A thought that perhaps refers to – and starts from – the ground, as Bruno O names it. It is also a shout of joy, an expression that gains a world of textures in Vanessa Soares’ voice. As a production of knowledge, this writing is inspired by the wise and friendly word of Marcos Tolentino, as a way of trying to break the mediocrity of the present, a dry and arid time. And yes, as Florence Belladonna Travesti (2021) teaches, if travestis and trans people created another meaning for their lives in the mediocrity of a dictatorship, who are we to deny the daily call of this life that summons us.

But in this movement, as a writing process, I would like to start with a gesture before thinking about two pieces from our collection that, in a certain sense, crystallize some of these processes of collective feeling. I want to think about what we have been doing, what we are doing and what we want to do, starting from a simple act: a plastic cup of coffee. “Cup situations” illustrate a little what for me was the beginning of this other path, which

² Yuri Fraccaroli is an archivist at Acervo Bajubá. They are a PhD student in Feminist Studies (University of California, Santa Barbara). On Bajubá’s ground, they made many friends and started to experiment other experiences in the field of arts -- from charcoal drawing to podcast production, such as *passagem só de ida*. Know more about them at: yurifraccaroli.com

we have been trying to draw for almost two years as a community archive.

I start with that little cup of coffee because it was there, in that banal, everyday, carefree exchange, that after enduring months of a pandemic, we got used to the touch, the hug, the proximity. When I think of that gesture, I think of Natan's hand. A hand that not only served this coffee many times, but also brought a chocolate. I remember a lot of our initial exchanges, those coffees we shared; but also of our shyness, fear and strangeness of approaching the collection. I could be wrong, but I feel that there was something in our presence, in these bodies circulating in that space, that seemed to escape our possibilities and desires. I don't say fear, but there was certainly a sense of awkwardness, of inadequacy, of acceptance.

At the same time that we are constantly questioned by a memory duty, when faced with the body of an archive, it is as if certain bodies could not be part of it. Bodies that escape the archive corpus, but that also escape when we refer to the possibilities of being there as a present body in the present time.

What I mean by that is that, despite being there, Natan and I, it was as if, in a way, that world of books, articles and magazines was swallowing us up. It was as though even knowing part of the stories that are told there and experienced by our different bodies, we could not inhabit an archive as archivists. This documentary corpus, this archival structure, demands other bodies other positions and relationships that prioritize a certain type of knowledge and relationship with the past.

If it is to "academicize", let's do it: it is the idea of archive

from the perspective of the one who consigns it, as Monsieur Derrida (2010) would describe it. In our case, it was as if two bichas (or non-binaries, I don't know anymore, Natan, but my identity has been flowing every day) could not occupy this place. Still on the bandwagon of the French folks, because as Hilda Hilst once said "thinking in Portuguese is despicable", there is also Saint Foucault's own idea of an archive (Perra, 2014), which is clearly based on a Western architectural and spatial metaphor, right? And then that abyss: between the archive that Foucault should have known and conceived as an image and a small room on the second floor (without a file cabinet with drawers [lol]) in a shed on the side of the Minhocão [to the terror of conservation purists].

Even though we were there every week, cleaning, organizing, taking care of our archive, the possibility of inhabiting it was constantly questioned. I think that for every coffee we drank, there were two different lines about "reworking" in countless recitals, about the differences between inventory and cataloging (I'm afraid of that word, Jesus-Maria-José), the need for a correct spreadsheet to feed a system (what system, dear Goddess?) and countless promises of collaboration. On party days, it was that thing, everyone offered everything. And today I am no longer in São Paulo, Tolentino lives there, Gegê or Madonna from Beverly Hills in Hollywood abandoned Regina Duarte and until now these promises never even started with a simple gesture: a cup of coffee at the archive.

It is at this point that I think about the work that Natan developed for our first exhibition on Google Arts & Culture. In this image, they ask: "who takes care of our memory?". Natan's question encompasses multiple

meanings and possible answers, from a political and ethical inquiry to an ontological dimension of the subject of the sentence and of what is conceived as memory. But what I read in this sentence and the meaning I want to work with here is this issue of “who” and “care” that I think are articulated to define this “our” idea of “memory”.

Notice that the “who” of the sentence is almost conceived as an exteriority in relation to the particle “our memory”. I think this is a kind of echo of this idea of who can take care of a memory that is ours, but that we shouldn’t take care of it ourselves. We can even access it, but the production and care (why not control over it?) belongs to another class of people than us.

However, there is also another meaning. This question can be read as a cry of political force, based on a practice that is materialized by the voice of the person who utters the phrase, a position that reports something that happens as a material reality, beyond cynical discourses. Here, caring is something that actually happens in acts such as cleaning books, sweeping a room, dusting shelves, organizing labels.

Natan told me that they were inspired by Miss Biá in charcoal (which I drew months before) to think of the letters for this art. In my drawing, made from an invitation by Bruno O., I cross out the term history and ask: “whose memory is it?”. Natan’s answer, however, inverted my proposition in a way that I hadn’t thought of: at the same time that he conceives this memory as ours, he reflects on an asymmetry in the possibilities of caring for (and also controlling) it. Natan goes straight to the point when they say that this memory is ours, but they recognize the place of care subjected to another

“who”, to another place. At the same time that they echo the perception of a possible distance, they also keep his position open: we can take care of this memory.

As a grammar of action, the refusal of an idea of representation and the wishful nod to an idea of community as agency, our work is invariably captured by these two questions: one asks the “who” of memory and the other the “who” of care. I believe that our bet, existential and political, takes place precisely in the fold of these two “who”, in a position that escapes the interpellations of duty or obligation, of an ideal doing, of a correct version of History consigned by an expert, in general, an academic expert.

As a community practice, I think our bet is to break with the musealization of the past and the objectification of the present. It is to create other temporalities, in which the very divisions between the past and the present do not make sense. It is to operate other listening and speaking devices that make a circle be established between the experiences of the bodies that move and are present in this space in the present and that look, touch and consider these books not as crystallized knowledge of a past, but as a possibility for an act of recognition of lives and bodies calcified in book-devices.

Suspending time, as well as breaking with the notion of a certain spatiality summoned from the western archival device, other bodies present in the archive invite the presence of voices, bodies and archive experiences to other relationships, other coexistences. We break with analysis, we reject erudition and refuse the cynical and capitalistic use of the lives represented and violated there for new operations of profit and overcoding, which

lead to separation and even to the audacity of claiming the truth from the remains. Our commitment is to the doubt – and to life. It is in the words of Abigail Campos Leal (2021), not to forget those without picumã, but still beautiful.

Our doing can be a dance, a mockery , an attempt to contact these bodies in the archive, based on dynamics that make life sprout; they are acts that are inspired by the invention of these bodies to live the desire. Before using the story of this past for some political project, which almost none of us were invited to define or be part of the cake, only morally impelled to “defend” and see ourselves as part of representations, perhaps it is worth thinking about how the care dimension also refers to the way we deal with these suppressed lives in/by the archive. And from this understanding, understanding that the authorial place is also shared among those present here. Other knowledge that can circulate from other practices.

From a material point of view, it is to recognize that our desires for a relationship with the archive, with History and with memory, in fact, are not those put into play by current merchants of this much-requested “other story”, which has not been told. ... again. It means giving up the possibility of resources, but also refusing to reiterate an asymmetrical game, of a cynical reason that is not seen in the constant repetition as an “I” that narrates and appropriates the experiences of a third person. Now, between us, even with all the limitations that result for us from this refusal, does anyone still really believe in this talk of white and cisgender men telling the “true story” or presenting “their side of the story?”.

Far from the totalizing intention, from the microfascist

desire to capture, I prefer to believe in a gesture of recognition and care, elaborated on listening, on affection, and, why not, on the gesture of a hand offering a coffee. An expansion of an I for a constant negotiation – sometimes difficult, of a “we”. Or many of us. It is in this torsion that perhaps we may move towards the live performance of another archive.

References

Campos Leal, A. (2021). A carcaça trans racializada e a vida. Brasil, São Paulo: Instituto Temporário de Censura. Recuperado de <https://www.casaum.org/carcacatrans-abigail.pdf>

Derrida, J. Mal de Arquivo – uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2011, p. 41.

Perra, H. (2015). Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. Revista Periódicus, 1(2), 291-298. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i2.12896>

Travesti, F.B. (2021). Nos caminhos de Leo e Gretta e de outras histórias do Brasil. Blog Casal. Recuperado de <https://www.casaum.org/nos-caminhos-de-leo-e-gretta-nos-caminhos-de-outras-historias-do-brasil/>



Acervo Bajubá

O Acervo Bajubá é um projeto comunitário de registro de memórias das comunidades LGBTQ+ brasileiras. O projeto se iniciou em 2010 com o objetivo de constituir um acervo documental voltado para a preservação, salvaguarda e investigação historiográfica da arte, memória e cultura LGBTQ+. Como parte de sua proposta de promover e difundir a cultura, o patrimônio histórico e artístico e as memórias das comunidades LGBTQ+ brasileiras, o Acervo Bajubá colabora com exposições, promove capacitações sobre história e memória LGBTQ+ e produz projetos audiovisuais de registro, mediação e circulação de narrativas sobre as histórias de pessoas LGBTQ+ no Brasil.

Mais informações: acervobajuba.com.br

BAJUBÁ

Jardim Miriam Arte Clube + Autoria Compartilhada

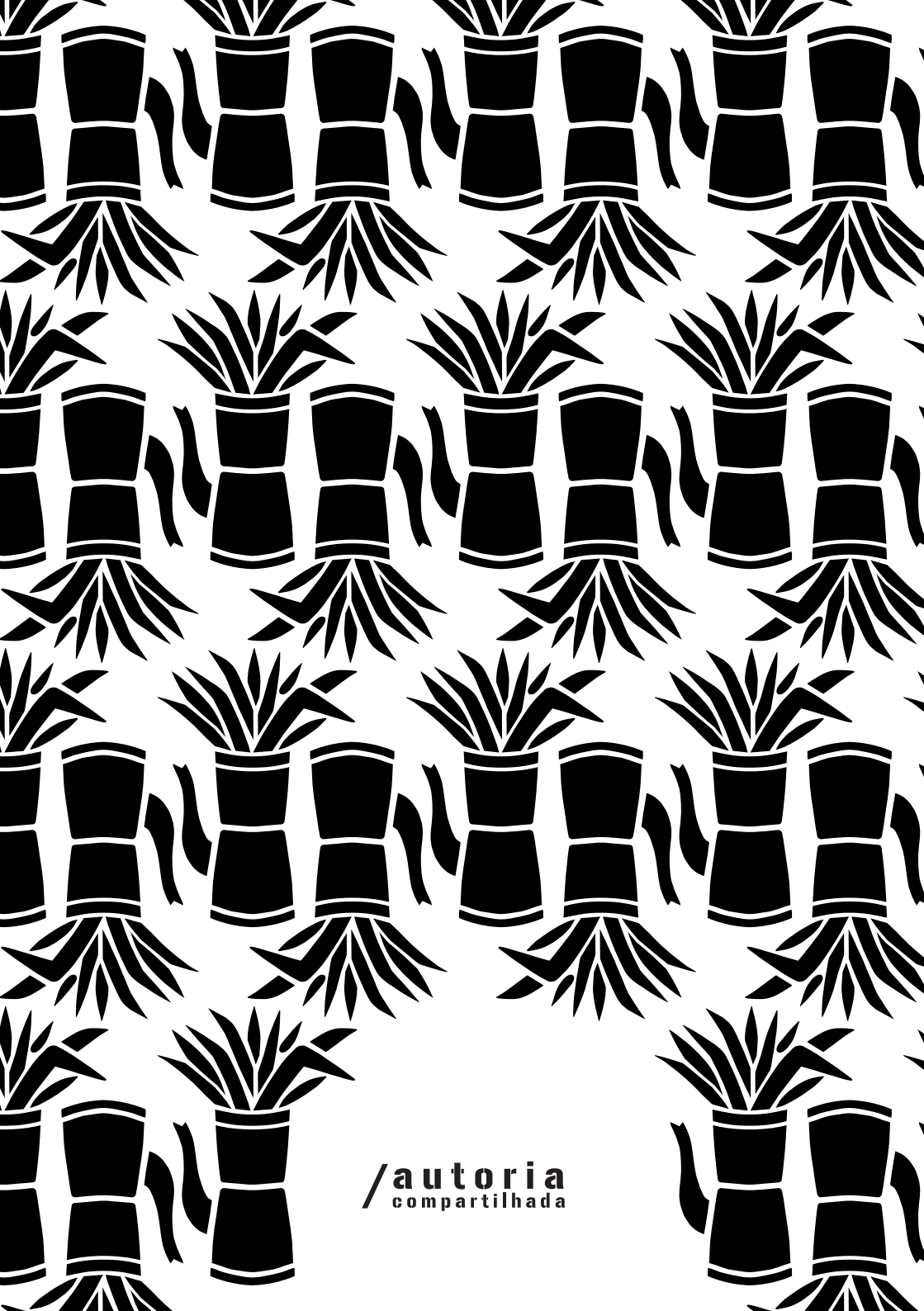
O Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC) é um espaço cultural localizado na zona sul de São Paulo. Criado pela artista plástica Mônica Nador, o JAMAC é um projeto gerido coletivamente desde 2004 e tem como objetivo central construir processos de formação que estimulem encontros entre arte e vida, estética e política.

O selo editorial Autoria Compartilhada parte do diálogo do JAMAC com grupos culturais do território da Cidade Ademar, Pedreira e Jabaquara. A iniciativa se propõe a desenvolver publicações que contribuam na documentação e circulação da literatura e da produção artística desenvolvida na região e por projetos parceiros, integrando ação e reflexão críticas em processos comunitários e coletivos.

Mais informações: linktr.ee/jardimmiriamarteclube

JAMAC
jardim miriam arte clube

/autoria
compartilhada



/autoria
compartilhada